

Naturalmente, não é a primeira vez que formulo um memorial, muito embora o desafio pareça ser sempre inédito. O último e mais completo documento dessa natureza que realizei foi apresentado em 2005 por ocasião do concurso de efetivação no cargo de professor doutor pelo Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

Passados oito anos, continuo a afirmar que escrever um memorial representa um momento privilegiado em que tenho a oportunidade de me reencontrar com os fatos constitutivos de minha trajetória de vida, formação e profissão. Tomando como ponto de partida a história já contada e documentada, coloco-me a tarefa de acrescentar a ela os novos elementos reunidos das ricas vivências que tive, sobretudo, no campo profissional.

Compus o presente documento a partir da compreensão de que há duas formas de se contar a mesma história. Uma, sendo fiel à ordem e interpretação dadas, por mim, aos acontecimentos, de tal sorte a deslizar da intimidade à objetivação, partilhando, com os leitores, os sentidos atribuídos às experiências vividas, trazidos em uma **Narrativa Autobiográfica**. A outra, originalmente objetivada, no plano do **Curriculum Vitae**, lança mão do conjunto de documentos que circunstanciam e validam minhas realizações, formalizando-as diante da comunidade acadêmica.

Pretendo que, da confluência de ambos os registros escritos, possa emergir um retrato, mesmo que aproximado, daquilo que me constitui historicamente como pessoa e profissional.

## **NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

## 1. TEMPOS DE APRENDIZAGENS ANTES DA ESCOLA

Nascida em Piracicaba, município do interior do Estado de São Paulo, tive uma infância marcada por mudanças de cidades e por experiências próximas às coisas da natureza. Com o tempo, minha família foi crescendo e, ao longo da vida, tive que aprender a dividir a atenção dos adultos, os espaços e todas as coisas, com quatro irmãos mais novos.

Meu pai, professor de Matemática e Física, formado em Engenharia Agrônômica, deixou a docência para atuar como agrônomo em *Casas da Lavoura* (mais tarde, denominadas Casas de Agricultura) de cidades muito pequenas do Estado, em que a zona rural representava a força produtiva e econômica. Quanto a minha mãe, formada na escola normal, teve seu sonho de atuar como professora primária, definitivamente, abandonado por conta das mudanças de cidades e do nascimento dos filhos. Mesmo tendo passado em concurso público, não chegou a assumir o magistério. À época, teve que se contentar com a tarefa de cuidar da família, tornando-se uma guardiã extremada. Dentre suas atribuições, esteve a de garantir as condições materiais para os estudos e a de supervisionar as atividades escolares.

Diferentemente do contato diário intenso com minha mãe, o convívio com o meu pai restringia-se a poucas horas noturnas e aos finais de semana. Compensava o menor tempo de convivência, contando histórias de sua autoria para nos fazer adormecer. Eram momentos preciosos para mim, em que eu não era somente uma ouvinte. Além do fascínio exercido pelos personagens criados por ele, alguns encontrados na vida real e outros retirados da sua imaginação, estabelecia-se um jogo mágico que nos instigava a interagir verdadeiramente com a trama traçada.

Não só nas histórias, mas em todas as demais atividades e brincadeiras propostas pelo meu pai existia sempre um toque desafiador, que alimentava a minha curiosidade e me conduzia ao exercício da observação e da investigação. Nossas visitas a pomares de propriedades rurais, nossos passeios aos campos da ESALQ/Piracicaba/SP, onde ficávamos horas procurando sementes lançadas pelas árvores, dentre outras oportunidades de convívio representaram momentos especiais de aprendizagem. Hoje admiro a resistência do meu pai em não fornecer de pronto as respostas ou pistas sobre as coisas a descobrir, algo que quando criança chegava até mesmo a me irritar.

Em 1960, minha família mudou-se para Cosmópolis, uma pequena cidade próxima de Campinas/SP, que, àquele tempo, tinha somente uma rua pavimentada com paralelepípedos: a

de comércio. As demais eram todas de terra. Era quase uma continuidade da zona rural, tendo como atividade mais expressiva a atividade canavieira.

A casa destinada, normalmente, aos engenheiros agrônomos que prestavam serviços à cidade, ficava em região central, ao lado da Catedral. Dela guardo, na memória, a presença de um ativo fogão a lenha na cozinha, que convivia com o moderno fogão a gás e a existência de um quartinho de despejo, destinado também aos brinquedos e às brincadeiras. Foi aí que ensaiei as minhas primeiras práticas, como professora de minha irmã, dois anos mais nova, numa pequena lousa equipada com ábaco. O que eu ensinava? Não sei. No máximo poderiam ser reproduções das letras e dos números que emolduravam a lousa e, que me lembro, eram objetos de grande interesse para mim. Repetidas vezes, com muito esforço, eu copiava aqueles caracteres. Essa atividade não era, contudo, a principal da minha vida. Aliás, ela se confundia com as demais brincadeiras que ocupavam a maior parcela do meu tempo. Eram brincadeiras de: faz de conta (casinha, médico, vendinha, etc.); pega-pega; esconde-esconde; subidas em árvores; balanço; passeios de triciclo, solitárias ou compartilhadas com minha irmã, ou ainda, muito raramente, com as crianças vizinhas. Serviam de cenário, as árvores frutíferas e ornamentais do enorme quintal de minha casa, cujas dimensões espaciais, que guardo na lembrança, são próprias da percepção infantil, uma vez que nunca mais voltei lá. É fato que se tratava de um espaço diferenciado, posto que foi nele que experimentei uma pluralidade de vivências com a terra, as plantas e os animais. Aprendi, logo cedo, a distinguir mangueiras, abacateiros, pés de caqui, parreiras de uva, pessegueiros, goiabeiras, uma diversidade de laranjas e limões, além de várias hortaliças. Também, pude conviver com alguns animais: cachorro, patos, galinhas, seriema e, até mesmo, um cabrito e um bezerro, presentes de um amigo fazendeiro, que ficaram conosco até atingirem a fase adulta.

As experiências diretas com os elementos da natureza representaram as fontes essenciais de aprendizagens nesse período de minha vida. Sem que ninguém tivesse a intenção de me ensinar algo, explorei intensamente tudo que estava ao meu redor. Dos adultos, sempre atentos, tive a generosidade de me permitirem tal exploração.

Nos últimos tempos de permanência em Cosmópolis, eu e minha irmã começamos a frequentar o parque infantil da cidade. Tenho escassas lembranças dessa passagem. O que se destaca em minha memória são os brinquedos do parque: o escorregador assustadoramente alto para nós e, por isso, o grande desafio; o balanço e um tipo de gira-gira de correntes, que nos tirava do chão quando, de mãos agarradas a argolas, corríamos em volta de um mastro.

Lições formais, tarefas? Nenhuma recordação. Tudo indica, que as idas ao parque infantil, não me furtaram o tempo de brincadeiras.

Embora não consiga dimensionar exatamente os impactos do conjunto de experiências desse período de vida no meu processo pessoal de formação, sempre quando procuro compreender a maneira como aprendi a apreender as coisas do mundo, reencontro-me com essas lembranças infantis.

## **2. ESCOLAS DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA**

Em 1963, meu pai foi removido para a Casa da Lavoura de Capivari, outra cidade da região de Campinas/SP, em que fixamos residência até o final de 1967 e onde cursei todo o ensino primário. Por razões de legislação educacional, fui impossibilitada de ingressar na escola no ano em que eu completaria sete anos de idade. Assim, durante 1963, frequentei uma classe de alfabetização particular sob a responsabilidade de uma professora, que, à época, eu não reconhecia como professora, mas como simplesmente Dona Maria. Dessa experiência, tenho pouquíssima lembrança. Não consigo definir o tempo de permanência nos estudos, as características da turma, nem sequer tenho clareza das atividades que eram propostas. Também não me recordo de qualquer tipo de experiência negativa ou dificuldades de aprendizagem sentidas por mim.

Enfim, no ano seguinte, o grande acontecimento: o meu ingresso na escola primária, fato festejado pelos meus pais e pelos familiares mais próximos. Desde logo, dei-me conta de que minha família valorizava tudo que se referia aos estudos e à escola. A forma de demonstrar estava não só no ritual da escolha e compra dos materiais escolares: estojos, livros, cadernos, mala de couro para transportar os materiais, etc, cuidadosamente organizados, como também, e principalmente, na atenção dispensada aos episódios escolares, que eu não me cansava de contar, e à demonstração dos saberes adquiridos. Tudo era motivo para que eu me sentisse mais próxima do mundo dos adultos, reconhecida por ser superior às banalidades infantis de minhas irmãs menores e sempre sentindo que era eu a responsável por abrir os caminhos aos mais novos de casa.

Em assuntos de escola, operava-se, em mim, uma verdadeira metamorfose. Deixava, por um tempo, a condição de criança, para assumir compromissos e comportamentos de gente grande: vestir-me para a escola, fazer as tarefas, organizar os materiais escolares, ir sozinha à escola e ter colegas com os quais podia compartilhar outras vivências que não as brincadeiras.

Ao reviver sentimentos que habitavam em mim nos primeiros tempos de formação escolar, não consigo deixar de concordar com alguns comentários endereçados, especialmente, aos pedagogos pelo filósofo, jornalista e educador francês Émile-Auguste (Alain) Chartier em sua obra *Reflexões sobre a Educação* (São Paulo: Saraiva, 1978). Diz ele que *a infância é um estado paradoxal*, em que se vive a condição presente com a percepção de que é inevitável sua superação.

Os acontecimentos escolares não competiam com as demais atividades prazerosas de minha infância e nem destruía o que eu tinha de criança. Não havia conflitos, por exemplo, entre as brincadeiras e as exigências da escola. Eram situações distintas, mas que promoviam igual satisfação. Quando precisava abandonar a brincadeira de bonecas para ir à escola primária, era como se uma outra dimensão de minha existência se evidenciasse: aquela que representava a possibilidade de emancipação.

Interessava-me tudo aquilo que eu não conhecia. Enfrentava a novidade com tranquilidade, como algo a ser naturalmente desvelado. Contudo, desde essa época, demonstrei um alto nível de exigência comigo mesma em minhas realizações pessoais e, vez ou outra, fui tomada por grande ansiedade querendo produzir para além daquilo que era possível no momento. Em várias oportunidades, precisei ser socorrida pelas ponderações de adultos mais sensíveis: meus pais e alguns professores. Hoje, passados muitos anos de vida, reconheço que essa maneira extremada de encarar os desafios e compromissos é algo que permaneceu em mim.

Os quatro anos do curso primário representaram um período de importantes aprendizagens não só no plano dos saberes escolares propriamente ditos, mas das coisas da vida de uma forma geral. O convívio escolar diário ampliou minhas experiências relacionais, fazendo com que eu descobrisse a diversidade. A escola estadual acolhia meninos e meninas com histórias de vidas bastante variadas e, por vezes, muito diferentes da minha história pessoal. Também o contato com os adultos, professores e demais profissionais da escola, foi muito importante e enriquecedor nesse momento.

Desse tempo, prevalecem lembranças muito positivas. O ambiente escolar exercia grande fascínio sobre mim, especialmente, tudo que se relacionava às aulas. Ficaram fortemente marcadas as imagens de minhas professoras (só tive mulheres como professoras no ensino primário). Eu me encantava com os seus movimentos em classe e suas ações ordenadas, próprias de quem sabia o que estava fazendo (pelo menos, era o que eu pensava).

Ao final da escola primária, a experiência de meu primeiro processo seletivo: o exame de admissão para a 1ª. série do ginásio.

Sou de um tempo em que o ensino da escola estadual era a referência de qualidade na educação. Ao final do 4º. ano primário, a realização de uma prova iria determinar, mediante uma classificação, a possibilidade de cursar a 1ª. série do ginásio ou a necessidade de efetuar o 5º. ano do primário em escola estadual. Havia, ainda, uma terceira alternativa: ir para uma escola particular, o que nem se cogitava em minha casa.

Não bastasse o fato penoso de me submeter ao exame, uma nova mudança de cidade, desta vez de volta à Piracicaba, colocou-me o desafio de competir com alunos de outro universo escolar, por uma vaga em uma escola estadual, da qual eu tinha as seguintes indicações: era considerada uma das melhores escolas da cidade, com as vagas mais concorridas, e era a preferida dos meus pais, pois nela tinham feito suas histórias, meu pai como professor e minha mãe como aluna.

A partir do curso ginásial, veio a descoberta da pluralidade de professores, revelada em suas formas tão distintas de ensinarem e de se relacionarem com a classe. Elias Canetti em sua autobiografia *A Língua Absolvida: história de uma juventude* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997) conseguiu expressar muito bem aquilo que eu sentia diante da “alternância dos personagens, um após outro, no mesmo papel, no mesmo lugar e com a mesma intenção [...]”. Como o autor, concluo que é mesmo “outra escola, bem diferente da escola formal, uma escola que ensina a diversidade dos seres humanos.” (p.174).

Hoje eu compreendo que foi essa *outra escola* que me ensinou a ser aluna e que, muito mais tarde, me forneceu importantes pistas de como ser professora.

Passei os anos do ginásio e do colegial (até o 2º. colegial, pelo menos) aprendendo a conviver, com mais tranquilidade, com o fato de ser aluna de ex-colegas de profissão de meu pai, o que eles faziam questão de me lembra, vez ou outra, a descobrir a maneira como estudar e assimilar os diferentes conteúdos escolares e a conquistar os professores dos quais eu queria me aproximar e me esquivar daqueles dos que eu desejava guardar a devida distância. A minha preferência pelas áreas de humanas e biológicas foi se tornando mais clara e com a prática de seminários propostos pelos professores, identifiquei uma certa facilidade em me expor frente a um público.

Ao final da 4ª. série do ginásio, um novo desafio: para garantir vaga no curso colegial em escolas estaduais, um outro exame seletivo. Durante um semestre, paralelamente ao curso

regular, frequentei um curso preparatório, oferecido no período noturno. A boa classificação obtida no exame garantiu minha permanência na mesma escola estadual em que eu havia concluído o ginásio. Nessa escola cursei os dois primeiros anos do curso colegial.

No 1º. colegial, comecei a me interessar por assuntos relacionados à Psicologia. Sem nenhuma indicação mais criteriosa, efetuei algumas leituras a respeito. Entre minhas colegas mais próximas, uma manifestou igual interesse pela área. Passamos a compartilhar nossa opção profissional e a sonhar com o curso superior. Antes, contudo, era preciso enfrentar o vestibular.

Os estudos no curso pré-vestibular passaram a ser a minha prioridade. Para garantir melhor aproveitamento, optei pela turma do período matutino. O curso de 3º. colegial, delegado ao segundo plano, realizei em uma outra escola estadual, mais próxima de casa, que oferecia o curso colegial noturno.

Com a aproximação do vestibular, foi preciso fazer a opção pela universidade a ser cursada. Meus planos incluíam o Instituto de Psicologia da USP de São Paulo ou de Ribeirão Preto. Esses planos não coincidiam com os planos de meus pais. A ideia de a primeira filha afastar-se muito de casa era assustadora, principalmente, para a minha mãe. A distância máxima permitida: Campinas. Restou-me a opção de cursar o Instituto de Psicologia da PUC-Campinas. Para a minha sorte, os pais da colega com a qual eu compartilhava o interesse pela Psicologia pensavam como os meus. Passamos a nos preparar juntas para o mesmo vestibular e a partir do nosso ingresso na universidade, tivemos uma intensa convivência ao longo dos 5 anos de curso superior.

### **3. TEMPOS DE ESTUDOS NA UNIVERSIDADE**

O ingresso na universidade gerou expectativas relacionadas ao próprio curso de Psicologia e ao fato de poder experimentar uma vida totalmente nova, fora de casa e conduzida por mim mesma. Os compromissos com os estudos somavam-se a outros tantos como: equacionar devidamente os horários, administrar recursos para materiais escolares, transporte, alimentação e outras necessidades de uma casa (república, como chamávamos) dividida com outras quatro novatas estudantes universitárias, igualmente inexperientes.

No primeiro ano de faculdade, muitas novidades e muito estudo. Tiveram um maior peso no currículo as disciplinas básicas introdutórias. Somente duas disciplinas tratavam de questões gerais próprias da Psicologia. Passei o ano todo, dividindo com os novos colegas a ânsia de tratar de assuntos específicos da área.



Em uma época de restrições à prática reflexiva, registrei de meus primeiros tempos de universidade, os ensaios de discussões promovidos pelos professores das disciplinas **Questões de Antropologia e Sociologia Geral**, que, teimosamente, procuravam pontuar aspectos da atualidade deixando sempre que possível, nas entrelinhas, um convite ao questionamento e à inquietação. Isso, naturalmente, em contraponto às aulas mornas de **Estudos de Problemas Brasileiros**, que procuravam dar conta de um Brasil sem problemas.

A partir do 2º. ano, as disciplinas foram gradualmente avançando no tratamento de conteúdos próprios da Psicologia, o que promoveu em mim crescente entusiasmo pelo campo. Entreguei-me aos estudos das diferentes orientações teóricas da Psicologia, efetuando grande parte das leituras sugeridas pelos professores, sem aderir cegamente a uma única vertente de pensamento.

Fui fazendo minhas opções de estudo e pesquisa, mas sempre estive atenta às possibilidades explicativas oferecidas pelas várias correntes psicológicas. Além disso, na medida do possível, procurei tirar o maior proveito das atividades práticas propostas nas disciplinas das três áreas de atuação: clínica, escolar e institucional (empresa) e, respondendo a convites que foram surgindo, envolvi-me em campos bastante distintos: experimentei o trabalho com menores infratores, num educandário; acompanhei sessões de terapia de um grupo de apoio a alcoólatras num grande hospital psiquiátrico de Campinas, que, à época, estava ensaiando mudanças nas práticas institucionais, tendo à frente uma equipe de jovens médicos psiquiatras; atuei em centro de reabilitação para crianças e jovens portadores de múltiplas deficiências e estagiei em creche e pré-escola.

As experiências de monitoria, do 2º. ano ao 5º. ano da graduação, permitiram a minha aproximação dos fazeres da docência. Pude participar do processo de concepção de planejamentos de ensino, auxiliar na eleição e organização de recursos pedagógicos e orientar, acompanhar e avaliar as realizações de alunos. Essas vivências foram importantes em minha opção de me dedicar à profissão docente e à vida acadêmica.

No 4º. ano, a realização de uma monografia (uma espécie de trabalho de conclusão de curso) para a disciplina **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia**, colocou-me frente aos rigores do trabalho científico. A temática tratada motivou contatos com profissionais fora do universo da PUC - Campinas. Por indicação de uma professora, conheci, à época, no Instituto de Psicologia da USP, aquela que, mais tarde, seria a minha orientadora de mestrado, a Profa. Dra.

Edda Bomtempo. Essa pesquisa aproximou-me das questões relacionadas à educação pré-escolar e despertou em mim forte interesse pela investigação científica.

Ao concluir a graduação, eram claros os desejos de dar continuidade aos estudos e de atuar na área de psicologia escolar. Desenvolvi, informalmente, um trabalho no setor educacional do Centro de Reabilitação de Piracicaba e realizei alguns atendimentos de crianças com dificuldades escolares, em uma clínica particular de Campinas.

O ano de 1980 foi de muitas incertezas no âmbito dos estudos e do trabalho. Reuni-me a um grupo de colegas e traçamos alguns planos profissionais. Contudo, a perspectiva de breve mudança para São Paulo fez com que eu desistisse de eventuais empreendimentos em outras cidades como Campinas, Piracicaba ou São Carlos. Então, em meados desse mesmo ano, passei a procurar emprego na cidade de São Paulo.

Em 1981, a mudança para São Paulo representou o distanciamento definitivo de minhas colegas e impôs o grande desafio de travar novos contatos. Por intermédio de um profissional da área de Psicologia, tive a indicação de um grupo de estudos que estava iniciando suas atividades no Hospital São Paulo, sob a coordenação de uma médica psicanalista. Eram tardes de leituras e discussões muito proveitosas e prazerosas. Contudo, novos encaminhamentos foram dados aos trabalhos do grupo, envolvendo a atuação clínica no âmbito hospitalar. Certa de que não era, essa, a minha área de interesse, deixei a equipe.

#### **4. A VIDA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP**

##### **VÁRIAS FORMAS DE CHEGADA NUMA TRAJETÓRIA DE 33 ANOS**

##### **4.1. A experiência como aluna ouvinte**

A intenção de voltar à universidade para realizar o mestrado continuava bastante viva. No 2º. semestre de 1981, surgiu a possibilidade de cursar, como aluna ouvinte, a disciplina de **Filosofia da Educação VII –EDF 709**, ministrada pela Profa. Dra. Maria da Penha Villalobos.

Fiquei entusiasmada com a chance de voltar ao ambiente universitário, retomando os estudos, junto a pessoas com maior formação que eu, algumas atuantes na área educacional. Além do mais, Filosofia certamente não tinha sido o forte em minha graduação. Meu conhecimento era superficial e me faltavam elementos, inclusive, para eu compreender os pressupostos filosóficos que sustentavam as teorizações no campo da Psicologia, com as quais eu havia tido contato anteriormente.

Tudo era muito diferente: a sistemática das aulas e a natureza das relações professora - alunos e alunos - alunos. Mais que as aulas, as leituras sugeridas pela professora foram fundamentais para que eu me colocasse diante de conhecimentos que passaram a servir de base para todos os meus estudos posteriores. Foi, sem dúvida, um grande exercício prévio ao mestrado e o fato de ter me saído bem indicou a possibilidade real de eu assumir o compromisso de um programa de pós-graduação.

A partir das leituras realizadas, comecei a me preparar para o exame seletivo ao mestrado, que iria ocorrer no final de 1981. Em posse de vasta bibliografia, dediquei-me exclusivamente aos estudos preparatórios, único grande privilégio de quem ainda não tinha uma colocação profissional.

#### **4.2. A experiência como aluna do mestrado (1982-1989) – uma história na história**

Meu ingresso nos domínios da Pedagogia coincide com um tempo em que se conduziam, no campo, importantes reflexões a respeito da teoria e prática da educação, das concepções de ensino, da natureza dos saberes produzidos em Didática e da constituição do discurso pedagógico.

As discussões pautavam-se em proposições da filosofia da educação, numa perspectiva analítica, e traziam, ao cenário, obras como: *Educação e Análise Filosófica*, organizada por Reginald D. Archambault (São Paulo: Saraiva, 1979), que reunia escritos de L. Arnaud Reid, Edward Best, Richard S. Peters, dentre outros; *A Linguagem da Educação*, de Israel Scheffler (São Paulo: Saraiva/EDUSP, 1974) e *Educação e Linguagem*, de Jorge Nagle (São Paulo: EDART, 1979).

Estavam em foco os questionamentos a respeito das contribuições da Didática na formação de professores e havia grande tendência no sentido da superação do caráter meramente técnico e instrumental da disciplina. Um grupo de docentes estava fortemente empenhado em debater as questões do ensino e os paradigmas pedagógicos vigentes, o que ganhou visibilidade definitiva com a realização do III Seminário *A Didática em Questão*, no ano de 1985. Organizado por vários professores do Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Olga Molina, esse evento, de alcance nacional, contou com a participação expressiva de profissionais da Faculdade e as Atas do Seminário (publicadas em 2 volumes) expressavam claramente os rumos das problematizações e serviam como referência aos debates dentro e fora dos limites da FE-USP.

Durante 1982 e 1983, período em que cumpri meus créditos em disciplinas, procurei aprofundar-me nos assuntos educacionais e muitas das importantes produções da literatura dessa época estiveram a minha disposição. Hoje, tenho clareza de que meus estudos, desse tempo de vida acadêmica, exerceram forte e decisivo impacto na maneira como eu passei a conduzir as minhas reflexões sobre a formação de professores. Além de fortalecerem meu interesse pela docência, as leituras que efetuei e as discussões de que participei determinaram, em grande medida, a minha prática pedagógica como formadora de professores.

Cursei outra disciplina oferecida pela Profa. Maria da Penha Villalobos, **Filosofia da Educação XXI EDF 803**. Nela tomei contato com os estudos da linguística de Noam Chomsky e com os pressupostos filosóficos que sustentam a perspectiva psicológica *behaviorista* de B. F. Skinner. As leituras permitiram que eu fosse para além da proposta da própria disciplina e revisse uma série de conceitos da Psicologia, compreendendo melhor as interfaces dessa área com outras áreas do conhecimento.

No entanto, foi a disciplina **Didática: Teorias e Modelos – EDM 704**, ministrada pelo Prof. Dr. Nélío Parra, que possibilitou que eu tecesse as articulações entre a Psicologia e a Pedagogia, esclarecendo, em definitivo, as implicações das teorias psicológicas na constituição de modos de pensar a prática educativa. Os estudos das teorizações sobre educação e as discussões dos diferentes modelos de ensino foram fundamentais para que eu pudesse reconhecer os vários quadros conceituais e construir uma crítica sobre os processos educativos. A literatura consultada incluía, além daquelas obras já citadas anteriormente, outras que tratavam das teorias e modelos de ensino. Entre os autores estudados estavam: Scheffler, Green e Walton, em escritos reunidos pelo editor Hyman (1971); Kohlberg & Mayer (1972); Nuthall & Snook (1973) e Penteado (1980).

A escolha das disciplinas foi determinada pela vontade de aproximar os conceitos da Psicologia aos assuntos educacionais. Fiz novas e mais aprofundadas leituras sobre a psicologia de Jean Piaget e estudei as relações interpessoais no âmbito da prática de orientação educacional. Também fui buscar no Instituto de Psicologia da USP, estudos sobre a memória e motivação humanas.

O interesse em desenvolver uma pesquisa focalizando o campo da educação infantil, já expresso no anteprojeto de pesquisa de mestrado, motivou a realização da disciplina **Pré-escolaridade- EDM 734**, ministrada pela Profa. Dra. Adla Neme, minha orientadora no período inicial do curso. Como o trabalho propunha focalizar as práticas educativas da pré-escola e os

recursos empregados pelas professoras, incluindo-se os brinquedos, cursei no Instituto de Psicologia da USP, as disciplinas **Psicologia do Brinquedo-PSA 771** e **Psicologia do Brinquedo II-PSA 773**, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Edda Bomtempo, que assumiu oficialmente minha orientação, em substituição à Profa.Dra. Adla Neme, que se afastou em definitivo das atividades acadêmicas nos primeiros tempos do meu curso. Tornei-me bolsista do CNPq, o que foi muito importante no processo de desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa para o trabalho de mestrado levou-me a um importante contato com a rede municipal de educação de São Paulo. Durante o ano de 1984, participei como colaboradora num projeto denominado “Materiais Didáticos”, conduzido pela Divisão de Orientação Técnica de Educação Infantil – Departamento de Planejamento e Orientação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Tive a oportunidade de visitar várias unidades pré-escolares de diferentes bairros paulistanos, participar do desenvolvimento de um programa de formação para Auxiliares Pedagógicos e ajudar na produção de uma publicação, que versava sobre recursos didáticos para a pré-escola. Vale registrar que essa publicação não chegou a ser divulgada. Com a mudança de gestão na Prefeitura de São Paulo, em 1985, todo material foi recolhido e desprezado.

A realização da dissertação sob o título: **“Recursos Didáticos na Pré-escola: um estudo baseado em depoimentos de professores”** trouxe a clareza de que a questão de maior interesse para mim era a proposta educativa dos profissionais em seu trabalho com as crianças pré-escolares e, portanto, eu teria que investir meus esforços futuros nos processos de formação desses profissionais.

#### **4.3. O envolvimento com o Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP)**

Na década de 80, iniciou-se um importante movimento para a criação de um Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos, junto ao Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada, tendo à frente a Profa. Dra. Tizuko Morchida Kishimoto. As primeiras inspirações vieram das brinquedotecas existentes em outros países e de algumas experiências nascentes no Brasil. A brinquedoteca pretendida deveria servir aos propósitos, não só de atender à comunidade, colocando à disposição do público infantil seu acervo de brinquedos, mas também deveria ser espaço de formação e pesquisa aos alunos do curso de Pedagogia da FE-USP e pesquisadores de outros centros.

Com intuito de favorecer a concretização do projeto, a Profa. Tizuko constituiu um grupo de estudos e pesquisas sobre as temáticas relacionadas ao brincar e à concepção de espaços para jogos e brincadeiras. Meu envolvimento com as questões das práticas educativas na pré-escola determinou minha aproximação desse grupo, do qual participei nos anos de 1985 e 1986 e, depois, no período de 1989 a 1991.

Mais tarde, em 1994, quando o LABRIMP já havia se estabelecido como espaço de formação e pesquisa, tive oportunidade de participar de programas formadores, ministrando oficinas e palestra a profissionais da educação infantil.

#### **4.4. A experiência como aluna do doutorado (1992-1997)**

Em meu projeto de doutorado, apresentado no ano de 1991, duas intenções claras: de continuar a trabalhar com a educação infantil e de investigar os fundamentos e bases epistemológicas das práticas pedagógicas com as crianças menores de 7 anos. Também havia uma vaga ideia de investir num estudo, de caráter histórico, dos processos de produção e veiculação de saberes no campo da educação infantil e do impacto das teorizações sobre as ações educativas conduzidas por profissionais atuantes nesse campo.

Cursar a disciplina **A Produção de Questões sobre Ensino e a Constituição do Campo Educacional – EDM 5716-1**, ministrada pela Profa. Dra. Denice Barbara Catani, permitiu que eu vislumbrasse algumas possibilidades de investigação. A apresentação dos periódicos especializados em assuntos educacionais como fontes de pesquisa e a iniciação nos domínios da historiografia forneceram importantes pistas de como conduzir o meu estudo. O trabalho de final de semestre, em que analisei o ciclo de vida da revista *Educação*, importante periódico oficial paulista, e examinei as publicações que tratavam das temáticas da infância de 0 a 6 anos e da educação infantil, foi um ensaio fundamental para o delineamento e realização da tese doutorado intitulada **“A Pré-escola Paulista à Luz das idéias de Pestalozzi e Froebel: memória reconstituída a partir de periódicos oficiais”**.

Do período de cumprimento de créditos devem ser destacados os meus estudos nas disciplinas: **Brinquedos e Brincadeiras na Educação Pré-escolar EDM 5761-1**, ministrada pela Profa. Dra. Tizuko Morchida Kishimoto e **Campo Universitário e Cultura no Brasil: anos 30, 40 e 50 – EDA 5727-1**, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani, que resultaram na produção dos artigos, respectivamente: *Jogo, Desenvolvimento e Educação* e *Apontamentos sobre a Universidade Brasileira*, ambos publicados em revistas.

Também merece menção especial a pesquisa sobre a pedagogia de Maria Montessori, creditada como **atividade programada** no âmbito do doutorado. O estudo constou de um levantamento da literatura disponível nos acervos das bibliotecas da FE-USP e do Instituto Pedagógico Maria Montessori, tradicional centro montessoriano de ensino e de formação de professores do Município de São Paulo; do exame dos materiais e atividades propostas pela pedagoga italiana e do acompanhamento das práticas educativas em classes de educação infantil e primeiras séries do ensino de 1º. grau (hoje, ensino fundamental) da Escola de Aplicação *Escola Infantil e de 1º. Grau Montessori-Lubienska*. Os documentos reunidos nesse estudo foram integrados ao acervo do LABRIMP, ficando disponíveis à consulta. A pesquisa permitiu, ainda, a identificação e a organização de materiais montessorianos existentes no LABRIMP e que, hoje, constam da coleção do Museu de Brinquedos da FE-USP.

Vale registrar, ainda, a atividade como estagiária do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) sob a supervisão da Profa. Marina Célia Moraes Dias, que me propiciou momentos de acompanhamento do trabalho docente.

#### **4.5. De alguma forma, sempre presente**

Procurando ser fiel à cronologia dos fatos que fizeram minha história de formação e profissão, preciso abrir um parêntese especial para relatar as experiências significativas que se interpuseram a minha trajetória na FEUSP.

##### **A breve e rica trajetória no ensino médio, no curso de magistério**

Durante o ano de 1988, tive uma experiência muito significativa, lecionando para turmas do curso de magistério no Colégio Campos Salles. Com o primeiro ano trabalhei a disciplina Psicologia Geral, com o segundo ano, Psicologia da Educação e, com o quarto ano, Didática e Prática de Ensino.

O trabalho com adolescentes, na maioria (quase totalidade) do sexo feminino, propiciou um exercício muito interessante na concepção e sustentação de uma relação pedagógica favorável. Buscar formas de mobilizar os alunos para as questões do ensino exigiu não só o esforço no sentido de compor uma aula rica em conteúdos específicos das disciplinas, mas também um cuidado especial com a minha comunicação com aqueles jovens, cujos interesses momentâneos eram díspares e, muitas vezes, distantes do que se propunha naquela condição de ensino. Sentia-me especialmente responsável pela formação daquelas pessoas, sobretudo, por saber que várias alunas já atuavam em escolas de educação infantil, contratadas formalmente como professoras auxiliares, mas exercendo, na realidade, o papel de professoras

efetivas. Isso me incomodava profundamente e, em nossos encontros, procurava abordar a prática educativa numa perspectiva crítica, instigando problematizações a partir de alguns relatos de experiências efetuados pelas próprias alunas.

### **A longa trajetória em instituições particulares de ensino superior**

Em 1986, fui contratada pelas Faculdades São Judas Tadeu como professora de Didática e Prática de Ensino para o Curso de Ciências (Licenciatura em Matemática e Biologia). Foi um enorme desafio, como professora principiante, assumir classes bastante numerosas, compostas, em sua maioria, de um público masculino, cujo interesse principal não era a formação para a docência.

Nos anos seguintes, passei a atuar em outros cursos: Pedagogia, Letras (Licenciatura) e Complementação Pedagógica até que, a partir de 1991, concentrei minhas atividades de ensino no curso de Pedagogia, do qual fiz parte até 2006. Ministrei aulas em diferentes disciplinas, mas os trabalhos mais marcantes foram desenvolvidos em: Didática, Metodologia de Ensino do 1º. e 2º. graus, Metodologia do Ensino da Pré-escola e Avaliação Educacional, que, durante bom tempo, denominou-se Medidas Educacionais. Tive o privilégio de poder compor os programas das disciplinas da maneira como eu acreditava ser mais conveniente, inspirando-me em leituras realizadas e em propostas de programas trazidas do curso de Pedagogia da FEUSP. Minhas sugestões e minha forma de atuação sempre foram respeitadas pela instituição, o que me deu liberdade para ousar em minha prática pedagógica. Considero que consegui definir um perfil próprio como professora e fui reconhecida pelos alunos por isso, fato que ganha maior clareza nas homenagens recebidas em formaturas. Ainda no plano das atividades de ensino, devo destacar a minha atuação em Cursos de Pós-graduação (*lato sensu*), desde 1991, ministrando disciplinas das áreas de Pedagogia e Psicologia.

Em 20 anos de história profissional na Universidade São Judas Tadeu, pude vivenciar importantes processos de mudança, a começar da passagem de *status* de Faculdade para Universidade, em 1989, o que trouxe profundas transformações na esfera institucional. A definição de plano de carreira profissional, a ampliação de atividades de extensão e o investimento na constituição de um centro de pesquisas foram alguns dos principais impactos dessas transformações.

Tive a possibilidade de atuar em várias frentes de trabalho e participar de diferentes formas das realizações da universidade.



Em 1997, com base nas disposições legais da LDBEN no. 9394/96, a Universidade São Judas empreendeu uma ampla reestruturação do Centro de Pós-graduação e Pesquisa, incluindo-se alterações nos formatos dos Cursos de Pós-graduação (*lato sensu*) para adequá-los aos propósitos de cursos de especialização. Foi dentro dessa perspectiva de mudança, que eu apresentei o projeto de reformulação do Curso de Pós-graduação em Psicopedagogia. À época, pareceu-me uma boa oportunidade de fazer uma interface entre as áreas de Educação e Psicologia, concebendo um curso centrado na pessoa e nas suas relações com o saber e com os processos educativos. Com isso, procurei deslocar o foco original do curso, que era o estudo dos distúrbios e das patologias. Mediante a aprovação do projeto, em 1998, passei a ser responsável pela coordenação do Curso de Psicopedagogia, atividade que desenvolvi até 2007.

Nos anos de 1998 e 2000, como atividade de extensão, participei do Curso de Capacitação de Alfabetizadores no âmbito do Projeto *Alfabetização Solidária*, ministrando aulas a professores de diferentes localidades do Nordeste brasileiro. Com isso, pude ter contato com as disparidades dos contextos educativos e com as especificidades regionais em termos de ensino e formação.

Dentre as minhas atividades de representação, destacam-se as atuações como membro dos Colegiados Departamentais dos Cursos de Pedagogia, no período de 1993 a 1998, e de Psicologia, na gestão 1997-1998, e do Colegiado do Curso de Pedagogia, desde 1999 até os dias atuais. Também, em 1999, atuei como membro do Grupo de Trabalho constituído pela Pró-reitoria de Graduação para discutir o Projeto *USJT prepara o Futuro Milênio*.

Outra relevante experiência com o ensino superior eu tive com a minha longa permanência nas Faculdades Integradas Campos Salles. De 1990 a 2004, ministrei aulas em nível de graduação no Curso de Pedagogia, desenvolvendo conteúdos da área da Psicologia e, nos últimos 4 anos, abordando questões da educação infantil. De 1997 a 2000, atuei como professora da Pós-graduação (*lato sensu*), no curso de Psicopedagogia, com um trabalho mais expressivo na disciplina *Fundamentos da Psicopedagogia*.

Nas Faculdades Integradas Campos Salles, fui indicada para ser a proponente do projeto original de criação da Habilitação em Educação Infantil no âmbito do Curso de Pedagogia. Apresentado em 1997, esse projeto foi submetido à avaliação da Comissão Examinadora do MEC, em 1999. De 2001 a 2004, responsabilizei-me pela coordenação da Habilitação em Educação Infantil. A concepção da proposta do curso, todo o processo que envolveu a avaliação e aprovação do MEC e minhas atividades como coordenadora foram de grande relevância a

minha formação, porque pude trazer ao campo das argumentações e da prática, os princípios que, a meu ver, devem nortear os cursos de formação de profissionais da educação infantil. É verdade que, ao ver o curso em movimento, dei-me conta de que as condições oferecidas pela instituição não permitiriam a concretização de alguns processos educativos previstos na proposta original, o que gerou certa frustração, mas também a construção de uma crítica a respeito.

Quero registrar, ainda, a minha breve, mas marcante, passagem pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), no período de 1987 a 1988. Nessa instituição atuei nos cursos de Pedagogia e de Psicologia, trabalhando em disciplinas que tratavam de questões específicas da psicologia do desenvolvimento e de assuntos concernentes à educação pré-escolar. Durante minha permanência na UNIMEP, presenciei um clima muito favorável às mudanças e inovações no plano das atividades de ensino. Também, pude participar de discussões que visavam ao delineamento de projetos para a constituição de áreas de pesquisa, o que envolvia propostas de alterações significativas no regime de trabalho dos docentes.

Considero que todas as demais atividades desenvolvidas nesses anos de vida profissional: as inserções em fóruns, grupos de trabalhos e comissões, as participações em eventos de diferentes naturezas, as assessorias prestadas, os cursos e oficinas ministrados e as produções escritas, derivam, antes de tudo, de minhas experiências, como professora.

\*

\*   \*

Ao longo de 20 anos, de 1982 a 2002, mesmo em períodos intermediários em que nenhum vínculo formal sustentava minha relação com a FEUSP, impus-me o compromisso de seguir de perto os acontecimentos da faculdade.

Como já relatei, a minha trajetória profissional, iniciada em 1986, foi trilhada em instituições particulares, realidades acadêmicas substancialmente distintas daquela que eu havia conhecido como aluna de mestrado e doutorado e, mesmo, da que vivenciei nos tempos de graduação.

A despeito das expressivas experiências de ensino, que essas instituições me proporcionaram, devo admitir que foram poucas as oportunidades de realização de trabalhos de extensão e nulas as possibilidades de desenvolver pesquisa nesses espaços em que atuei.

Ressentida, disso, e sempre preocupada em me atualizar, procurei manter contato com a FEUSP, conversando com docentes conhecidos, acompanhando novas produções científicas e

publicações e, na medida do possível, envolvendo-me em eventos e projetos de trabalho. Foi uma forma de eu garantir meu desenvolvimento profissional, ampliando meus referenciais teóricos e buscando novas inspirações para minha prática como professora.

Em 1996, ainda aluna de doutorado, atuei como professora no Curso de Aperfeiçoamento “O Coordenador Pedagógico: identidade em construção”, promovido pela FEUSP em convênio com a Secretaria Municipal de São Paulo.

Uma experiência de grande relevância foi a participação na pesquisa *Mapeamento da Formação de Profissionais de Educação Infantil no Estado de São Paulo (1996-1998)*, apresentada no I Congresso Paulista de Educação Infantil, realizado em 1998. O envolvimento com a equipe, coordenada pela Profa. Dra. Tizuko Morchida Kishimoto, teve como importante desdobramento a minha integração ao Fórum Paulista de Educação Infantil e, mais tarde, ao Grupo de Trabalho Educação Infantil, no âmbito do Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores da UNESP.

Em 2000, tive a possibilidade de expor o estudo “A Presença de Pestalozzi e Froebel na Pré-escola Paulista: construção da história através de periódicos oficiais (1890-1930)” no III Congresso Luso-brasileiro de História de Educação, em Coimbra, Portugal. Com a indicação da Profa. Dra. Tizuko M. Kishimoto, tive oportunidade de estender minha viagem à cidade de Braga, onde tomei contato com os trabalhos desenvolvidos pela Associação Criança e pelo Instituto de Estudos da Criança (IEC) da Universidade do Minho, sob a coordenação dos professores Dr. João Formosinho e Dra. Júlia Oliveira-Formosinho. Dessa viagem de estudos, resultou a recomendação de meu nome, pela Profa. Júlia, para compor a equipe de pesquisadores num projeto conjunto das Universidades de São Paulo e do Minho, que estava em seu início. Assim, com o pronto acolhimento da Profa. Tizuko e sob sua coordenação, passei a participar do Projeto “**Contextos Integrados de Educação Infantil**”.

#### **4.6. Do Processo Seletivo Aos Tempos Atuais: uma trajetória de 12 anos de trabalho**

Chegar à FEUSP no início de 2002, na condição de docente, foi razão de grande alegria: era uma nova forma de me aproximar de pessoas com as quais eu já havia compartilhado histórias da maior relevância.

A experiência de 16 anos em ensino superior serviu como importante referencial para as minhas ações nessa nova situação de trabalho, sobretudo, no tocante à prática de ensino em sala de aula. No entanto, a lógica própria da universidade pública, expressa nas formas como se estabelecem as relações, os tempos e os compromissos, representaram um novo desafio

profissional. Minhas vivências na FEUSP, como aluna e eventual colaboradora, forneceram-me algumas pistas, mas insuficientes para que eu me sentisse totalmente familiarizada com esse ambiente acadêmico. Precisei recorrer, muitas vezes, aos colegas e funcionários para que eles me ajudassem a compreender a dinâmica dos acontecimentos. A despeito dos auxílios que encontrei, confesso que tive que descobrir muitas coisas, por mim mesma, e, mesmo passada mais de uma década na FEUSP, não faltam novos desafios a serem enfrentados em diferentes espaços acadêmicos.

Em 2002, cheguei à FEUSP através de um processo seletivo e meu contrato correspondia, à época, ao Regime de Turno Completo (20 horas semanais). A minha efetivação foi realizada, em 2005, por concurso público para provimento efetivo do cargo de professor doutor junto ao Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada. Dois anos mais tarde, em 2007, mediante a apresentação do Projeto de Ensino e Pesquisa: “Formação Profissional e Práticas de Supervisão em Contextos”, pleiteei a mudança de regime de trabalho para Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP).

#### **Experiências Didáticas: as aulas, momentos de ricas aprendizagens.**

Nesse período, de 2002 a 2014, na graduação, tenho desenvolvido, sistematicamente, atividades de ensino nas disciplinas de **Didática I**, **Didática II** e **Coordenação do Trabalho na Escola II** para o curso de Pedagogia e de **Didática** para o curso de Licenciatura.

No curso de Pedagogia a oportunidade de trabalhar com os primeiros semestres com as disciplinas **EDM0111 Didática I** e **EDM 0112 Didática II** tem representado uma experiência muito relevante, porque me relaciono com estudantes, em sua maioria, recém-chegados à vida universitária e cheios de expectativas com relação ao curso e à área profissional eleita. Nessas circunstâncias, alguns têm maior clareza sobre a escolha efetuada, outros tantos, ainda não. É por isso que estou convencida de que nós, professores de turmas iniciantes, temos um compromisso adicional com a sedução e devemos exercitar com os nossos grupos um jogo de conquista, escancarando as possibilidades de estudos na área de conhecimento que estamos apresentando a eles. A disciplina **EDM 0325 Coordenação do Trabalho na Escola II** tem representado um importante espaço para o debate acerca do tema da gestão e da liderança pedagógica das instituições educacionais, focalizando o importante papel das lideranças formais (diretores e coordenadores pedagógicos) no processo de desenvolvimento profissional e organizacional. É uma oportunidade de trazer à graduação minhas questões de pesquisa e

explorar com os grupos elementos da literatura a que recorro em meus estudos. Os estudantes lançam seus próprios olhares e isso me alimenta como docente e pesquisadora.

A experiência de trabalhar na Licenciatura, com estudantes provindos de diversas unidades da universidade tem sido extremamente enriquecedora, posto que me permite importantes reflexões sobre o processo de formação e de profissionalização de professores. Interesse-me em entender as razões que os trazem à Faculdade de Educação e as expectativas que nutrem com relação à prática docente. Procuro explorar o que eles já possuem de conhecimentos sobre as situações de ensino e que problematizações formulam a esse respeito. O grande desafio tem sido buscar formas de trabalho e recursos capazes de sensibilizar os estudantes para as questões pedagógicas, de maneira que eles percebam que a atividade de ensinar, por sua complexidade, exige daqueles que ensinam, um investimento pessoal e profissional na compreensão das relações que se estabelecem no âmbito da sala de aula e da escola, o que vai além da competência científica ao tratar os conteúdos escolares e do domínio de regras e técnicas de como propor uma aula.

Tanto para o curso de Pedagogia como para o de Licenciatura, tenho tido o cuidado de trazer ao plano da discussão as vivências dos contextos de trabalho e, para tanto, nos cronogramas das disciplinas são previstos momentos em que profissionais atuantes nas redes municipal e estadual de educação de São Paulo, vêm relatar suas práticas educativas.

Como professora, agrada-me cada vez mais a concepção de educação defendida por Peters (1979)<sup>1</sup>. Diz o filósofo que educar “é iniciar os outros em atividades, modos de conduta e pensamento, que possuem regras intrínsecas, referentes ao que é possível para a ação, para o pensamento e para o sentimento, nos vários graus de competência, relevância e gosto”. (p.125) Como ele, penso que “se os professores não estiverem convictos disso, deveriam arranjar outra ocupação”. (p.125).

Em 2004, credenciei-me no Programa de Pós-graduação, pela linha de pesquisa Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares e, em 2006, apresentei a disciplina **EDM 5075 Desenvolvimento Profissional, Culturas Docentes e Culturas Institucionais**, que consta no rol das disciplinas regulares do Programa. Ministrar essa disciplina tem representado oportunidade de partilhar com mestrandos e doutorandos minhas questões de pesquisa e a

---

<sup>1</sup> PETERS, Richard S. Educação como Iniciação. IN: ARCHAMBAULT, Reginald D. **Educação e Análise Filosófica**. SP: Editora Saraiva. 1979.

literatura de base com a qual me ocupo, o que é extremamente enriquecedor ao meu trabalho como pesquisadora. De 2010 a 2012, dividi com mais dois colegas da FEUSP, a coordenação da disciplina **EDM 5102- Preparação Pedagógica – PAE**, voltada exclusivamente à preparação de pós-graduandos da Faculdade de Educação e de outras unidades da Universidade de São Paulo para o estágio do PAE, compondo-se de uma série de seminários com temas relacionados ao ensino superior. O contato com uma pluralidade de experiências discentes trouxe uma visão panorâmica sobre como que a universidade tem considerado o trabalho docente.

Como uma derivação de minhas atividades de ensino, tenho supervisionado estagiários pós-graduandos no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE). É interessante a possibilidade de dialogar sobre o ensino superior com estudantes que estão investindo na carreira acadêmica e já se encontram num nível de argumentação mais ampliado. Eles me auxiliam a pensar a composição dos encontros e, com isso, importantes sugestões têm sido incorporadas por mim a cada semestre. De 2002 a 2013, somaram-se 19 estagiários de PAE. Neste primeiro semestre de 2014, mais uma supervisão encontra-se em curso.

### **Experiências em Pesquisa e Extensão: convergências e complementaridade**

Um dos grandes privilégios de pertencer à academia é a possibilidade de eleger seus próprios caminhos de pesquisa e de atuação na realidade educacional. No meu caso, o trabalho como pesquisadora sempre esteve inextricavelmente relacionado às minhas ações no nível de extensão, que inspiram, animam e sustentam minha prática investigativa.

Destacam-se três naturezas de atuações no plano da extensão: o trabalho desenvolvido reunindo profissionais da rede municipal de educação de São Paulo no grupo de estudos **“Formação Profissional e Práticas de Supervisão em Contextos”**; os programas de formação em cursos de especialização e em encontros formativos realizados mediante parcerias com Secretarias Municipais de Educação de cidades paulistas e as assessorias prestadas aos órgãos regionais de administração e orientação vinculados à Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Essas múltiplas vivências permitiram a aproximação dos meus estudos às importantes inquietações trazidas pelos profissionais com os quais pude construir diálogos muito férteis, decisivos em minha escolha por investir em pesquisa educacional, nos termos de John Elliott (2010).<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> ELLIOTT, John. Building Educational Theory through Action Research. In: NOFFKE, S. & SOMEKH, B. (Eds.) **The SAGE Handbook of Educational Action Research**. London: SAGE Publications Ltd., 2010, p. 28-38.

Com a minha chegada à FEUSP, em 2002, foi possível legitimar institucionalmente minha participação no Projeto: “**Rede de Pesquisadores - Contextos Integrados de Educação Infantil**”, iniciado em 2000 e registrado como grupo de pesquisa no CNPq, em 2001. Desde o princípio, tratou-se de um trabalho cooperativo entre a Faculdade de Educação da USP e o Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho e Associação Criança, Braga, Portugal, tendo como coordenadora, no Brasil, a Profa. Dra. Tizuko Morchida Kishimoto e como coordenadores, em Portugal, o Prof. Dr. João Formosinho e Profa. Dra. Júlia Oliveira-Formosinho. Como desdobramento, em 2005, esse projeto foi integrado ao programa de cooperação internacional CAPES/GRICES, sobre o qual tratarei mais adiante.

Em 2002, passei a dividir com a profa. Tizuko, a coordenação do grupo de pesquisa da FEUSP, compartilhando a organização e a condução dos encontros de estudos e acompanhando as realizações de suas orientandas de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, em colaboração com unidades de educação infantil da rede municipal de São Paulo. Mais tarde, foram chegando também minhas orientandas, primeiro as de Iniciação Científica e Mestrado e, depois, as de Doutorado. Como desdobramento, seguiu-se a criação de dois grupos de estudos: em 2003, “Formação Profissional e Práticas de Supervisão em Contextos”, coordenado por mim e, em 2004, “Contextos Integrados de Educação Infantil: Formação de Professores”, coordenado pela profa. Tizuko.

Esses dois grupos, que continuam ativos até o momento, reúnem profissionais atuantes na educação infantil da rede municipal de educação de São Paulo. O primeiro é composto pelo que se convencionou chamar de instâncias de supervisão de práticas, que são quatro: profissionais ligados diretamente às Diretorias Regionais de Educação (designação atual); supervisores escolares; diretores e coordenadores pedagógicos de Centros de Educação Infantil (CEIs) e Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs). O segundo reúne professores de unidades de educação infantil, que desenvolvem parcerias com o grupo de pesquisa “Contextos Integrados de Educação Infantil” e, por isso, são chamadas de ‘unidades apoiadas’.

O grupo de estudos “Formação Profissional e Práticas de Supervisão em Contextos” tem sua trajetória registrada como capítulo de livro publicado em 2013<sup>3</sup>. De 2003 a 2009, os

---

<sup>3</sup> PINAZZA, M. A. Formação Profissional e Práticas de Supervisão em Contextos. In: Anna Maria Pessoa de Carvalho (org.). **Formação de Professores –Múltiplos Enfoques**. São Paulo: Editora Sarandi. 2013. p. 225-250.

encontros do grupo de estudos constaram da agenda oficial de formação estabelecida no âmbito da Coordenadoria de Educação, atual Diretoria Regional de Educação da Penha. Durante esse período, as datas dos encontros e a programação definida pelo grupo eram discutidas nessa esfera. A partir de 2010 passou a não existir qualquer vinculação com a referida Diretoria, o que determinou, também, o definitivo afastamento dos segmentos de supervisão escolar e de técnicas da Diretoria. Desde 2013, das treze Diretorias Regionais de Educação vinculadas à Secretaria Municipal de Educação, oito Diretorias têm representação no grupo de estudos. Diante de expressiva inserção da rede, acena-se a possibilidade de um processo colaborativo, agora, diretamente com a Diretoria de Orientação Técnica de Educação Infantil (DOT-EI) da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, o que está em curso neste momento.

Com o grupo avancei nos estudos sobre educação de adultos; desenvolvimento profissional na perspectiva do contextualismo; culturas organizacionais e institucionais, padrões de trabalho e liderança em educação, constituindo aquele que seria meu quadro argumentativo básico ao tratar da formação contínua de profissionais da educação infantil, assentado em autores como: Andy Hargreaves, Michael Fullan, Monica Thurler, João Formosinho, Júlia Oliveira-Formosinho, Margy Whalley, Jillian Rodd, Jack Mezirow, Malcolm Knowles, Paula Allman, Paulo Freire, dentre outros. O ponto de partida, os enunciados de John Dewey sobre experiência e reflexão e a concepção de professor investigador de Lawrence Stenhouse.

Compreendi, definitivamente, que qualquer investigação envolvendo a prática educativa e os atores que protagonizam essa prática, comprometidos com diferentes instâncias de atuação, requer uma imersão total do investigador nas culturas organizacionais e institucionais. A entrada de uma equipe de pesquisa no terreno da prática só é possível mediante a conquista de confiança mútua, firmada pelo respeito às concepções particulares, aos propósitos de trabalho e aos encaminhamentos realizados, de ambas as partes. A permanência do pesquisador no campo da prática e a sua interlocução com os profissionais atuantes deve ser reconhecida, autorizada e legitimada, para poder resultar em partilha, colaboração e desenvolvimento. Com isso configurou-se, para mim, a opção pela metodologia da investigação-ação, como forma de se aproximar da práxis educacional. Serviram de referências os escritos de Kurt Lewin, John Elliott, Stephen Kemmis e Tracey Smith e de outros autores.

A aproximação com as unidades de educação infantil da rede municipal de educação de São Paulo foi fundamental ao desenvolvimento de parcerias em pesquisas e a mais importante que se constituiu para mim, como pesquisadora, foi a parceria de cinco anos realizada com o



Centro de Educação Infantil no qual desenvolvi o trabalho colaborativo nos termos de uma investigação-ação, que resultou em minha tese de livre-docência. No âmbito desse processo de investigação-ação, foram desenvolvidos, por mim e por estudantes de iniciação científica e mestrado, sob minha orientação, relevantes estudos de casos.

Outra prática de grande relevância junto à rede municipal de educação de São Paulo é o trabalho no plano de assessoria, constando, essencialmente, de processos de formação de profissionais da educação infantil. As primeiras importantes realizações dessa natureza foram desenvolvidas em 2003 e 2004, junto à, então, Coordenadoria de Educação da Penha (atual Diretoria Regional de Educação da Penha).

Nessa oportunidade, coordenei grupos de formação contínua em serviço de profissionais de CEIs e EMEIs (Auxiliares de Desenvolvimento Infantil – ADIs e Professores de Desenvolvimento Infantil (PDIs) dos CEIs e Professores de EMEIs e Diretoras e Coordenadoras Pedagógicas), enfocando o tema: *Abordagem de Projetos em Educação Infantil – revisão de concepções e transformação de práticas educativas*.

Sobretudo, no 2º. semestre de 2003 e durante todo o ano de 2004, tive a oportunidade ímpar de atuar junto a todas as categorias: professores, coordenadores, diretores, supervisores escolares e técnicos da oficina pedagógica e coordenadores da Coordenadoria da Penha, concomitantemente, o que permitiu apreender a complexa dinâmica dessa pequena fração da rede municipal de educação de São Paulo, representada por uma Coordenadoria de Educação.

À mesma época, em 2004, pude conhecer outra realidade educacional no extremo leste da cidade de São Paulo, realizando uma assessoria à Coordenadoria de Educação de Itaim Paulista que constou de um programa de formação destinado a supervisores, coordenadores pedagógicos e diretores de CEIs e EMEIs, sob o título: “A Prática de Supervisão na Construção de um Projeto Político Pedagógico e de um Projeto Especial de Ação nas Unidades de Educação Infantil”.

Passou-se um longo período de tempo, sem que fosse possível esse tipo de inserção na rede municipal de educação de São Paulo. A retomada ocorreu a partir de 2013, coincidindo com a expressiva reaproximação da Secretaria Municipal de Educação e, por conseguinte, das Diretorias Regionais de Educação com o grupo de estudos “Formação Profissional e Práticas de Supervisão em Contextos”. Em 2013, foram realizados trabalhos de assessoria em duas Diretorias Regionais de Educação, do Butantã e de Santo Amaro, e também interlocuções da maior relevância com a Secretaria Municipal de Educação através da Diretoria de Orientação

Técnica – Educação Infantil (DOT-EI), incluindo-se a realização de evento conjunto sobre a temática do Currículo de Educação Infantil.

Neste ano de 2014, estão previstas assessorias às Diretorias Regionais de Educação do Butantã, de Pirituba, Guaianases e Santo Amaro. Também estão previstos diálogos e eventos conjuntos com a Secretaria Municipal de Educação. Essas experiências são fundamentais ao meu trabalho no ensino e na pesquisa, porque permitem o meu deslocamento do universo da academia para o plano real das práticas educativas e, quando eu retorno, vejo ampliadas as possibilidades de confrontar as teorizações com as minhas aprendizagens vivenciais.

Também de grande relevância têm sido as experiências como proponente, coordenadora e professora em cursos de especialização e encontros de formação destinados a profissionais de educação infantil, realizados em sistema de parceria entre a Faculdade de Educação e Secretarias Municipais de Educação de cidades paulistas, com a intermediação da Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (FAFE): Curso de Especialização em Educação Infantil – Guarulhos (2007-2008); Curso de Capacitação de Professores de Educação Infantil – Santo André (2009); Curso de Especialização em Educação Infantil – São Bernardo do Campo (2009- 2010) e Encontros de Trabalho com Equipe Gestora de Educação Infantil (2011-2012).

Esses contatos com diferentes redes permitem construir saberes sobre a docência em educação infantil e as instituições educacionais destinadas à faixa etária de 0 a 5/6 anos. Ademais, representam oportunidades de constituição de uma crítica sobre os programas de formação contínua e de investimento em outras possibilidades de processos formativos. A riqueza desse tipo de trabalho foi revelada em uma publicação de 2012, decorrente do Curso de Especialização em Educação Infantil – São Bernardo do Campo, em que se destacam trabalhos produzidos por estudantes do curso.<sup>4</sup>

No que tange à pesquisa, cabe destacar minha participação como pesquisadora integrante Pesquisa “(Auto)Biográfica: Docência, Formação e Profissionalização” no âmbito do Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD) financiado pela CAPES, de 2009 a 2013, coordenado pelos Professores Paula Perin Vicentini, Maria da Conceição Passeggi e Elizeu Clementino de Souza. Meu interesse pelos estudos pautados em histórias de vida e de profissão e pelas narrativas biográficas e a orientação de uma pesquisa de mestrado nessa perspectiva

---

<sup>4</sup> PINAZZA, Mônica A., NEIRA, Marcos G. (orgs). **Formação de Profissionais de Educação Infantil**: desafio conjunto de investir na produção de saberes. 1a. ed. São Paulo : Xamã, 2012.

metodológica me aproximaram desse projeto, que envolveu um conjunto de realizações: missão de trabalho realizada na Universidade Estadual da Bahia, constando de aula à graduação, acompanhamento de trabalhos em grupo de pesquisa e conferência; participação na comissão científica IV CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, sediado pela Universidade de São Paulo. São Paulo/SP. 26 a 29 de Julho de 2010 e a produção de um capítulo em publicação de 2013, resultante do Programa de Cooperação.<sup>5</sup>

Mais recentemente, tenho me ocupado do tema da integração e das transições em educação da infância. Em 2011, compus com a professora Tizuko M. Kishimoto e com duas educadoras da Escola de Aplicação da FEUSP um estudo relativo ao jogo e letramento em crianças de seis anos no ensino fundamental, efetuando uma discussão sobre o processo de integração das crianças no primeiro ano do ensino fundamental. Resultou desse estudo um artigo publicado em 2011.<sup>6</sup>

Nessa perspectiva da integração e das transições entre a educação infantil e o ensino fundamental, apresentei, como coordenadora proponente, o Projeto **“Integração/Transições em Educação da Infância: implicações curriculares”**, pleiteando ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), segundo edital da CAPES, para o período de 2014-2018. A USP, pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, figura como instituição proponente, reunindo-se a três instituições associadas: Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal do Espírito Santo e Universidade Federal de Juiz de Fora. Prevê-se para o mês de abril do corrente ano a publicação do parecer ao Projeto, submetido à análise pela CAPES, em dezembro de 2013.

### **Diálogos internacionais com contextos de formação e pesquisa**

As vivências no ensino e na pesquisa estenderam-se a domínios internacionais, o que representou uma pluralidade de aprendizagens da maior relevância à minha profissionalização. A interlocução mais duradoura e expressiva ocorreu a partir das ações de colaboração entre o grupo de pesquisa “Contextos Integrados de Educação Infantil” da FEUSP e o grupo de pesquisa do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho e a Associação Criança, Braga,

---

<sup>5</sup> SILVA, Talita D. M., PINAZZA, Mônica A. Abordagem Biográfica: revelando possibilidades de processo de formação contínua. In: Maria da Conceição Passeggi; Paula P. Vicentini, Elizeu C. de Souza (orgs.) **Pesquisa (Auto)Biográfica: Narrativas de Si e Formação**. Curitiba: Editora CRV. 2013. P. 139-153.

<sup>6</sup> KISHIMOTO, Tizuko M.; PINAZZA, Mônica A.; MORGADO, Rosana de F. C.; TOYOFUKI, Kamila R. Jogo e Letramento: crianças de 6 anos no ensino fundamental. In: **Educação e Pesquisa**. SP : USP. vol.37. 2011. p.191-210.

Portugal, que culminou no desenvolvimento conjunto do projeto de pesquisa “Infância – Formação/Pesquisa/Intervenção”, no âmbito do Programa de Cooperação Internacional CAPES/GRICES, com vigência de 2005 a 2008. Sob a coordenação da profa. Tizuko M. Kishimoto, no Brasil, e a da profa. Júlia Oliveira-Formosinho, em Portugal, as equipes brasileira e portuguesa compartilharam de diferentes planos de ações previstas pelo edital do Programa.

Dentre as minhas experiências mais significativas figuram: as missões de trabalho, que envolveram estudos e participações em eventos em Portugal, Espanha e Inglaterra; participações em bancas de mestrado e doutorado na Universidade do Minho; atuação em aulas, seminários e conferências envolvendo estudantes de graduação e pós-graduação; reuniões de trabalho com a equipe de profissionais da universidade e da Associação Criança. Também merecem destaque as ações desenvolvidas no Brasil, em momentos de missões de trabalho da equipe portuguesa, que incluíram organização de: eventos (seminários, conferências e encontros com estudantes de graduação e de pós-graduação); reuniões de estudos com o grupo de pesquisa; visitas e trabalhos de formação em unidades de educação infantil apoiadas pelo grupo de pesquisa.

Resultaram desses intensos diálogos duas importantes publicações. Em uma delas, de 2007, participo como organizadora, juntamente com as professoras Tizuko e Júlia, como autora do capítulo “John Dewey: inspirações para uma pedagogia da infância” e como coautora do capítulo: “Froebel: uma pedagogia do brincar para a infância”.<sup>7</sup> Em outra obra, de 2013, contribuo com o capítulo “Desenvolvimento Profissional em contexto: um estudo de condições de formação e mudanças”.<sup>8</sup>

As interlocuções entre as equipes brasileira e portuguesa estendem-se até os tempos atuais, agora, com maior aproximação às ações da Associação Criança, Braga, Portugal. Em destaque minha participação como pesquisadora internacional convidada para atuar em “Projeto de Educação à Infância”, numa colaboração firmada entre a Associação Criança, Braga/Portugal e a Fundação Aga Khan, Lisboa/Portugal. Tendo como contatos diretos os professores João Formosinho e Júlia Oliveira-Formosinho, docentes e pesquisadores da Universidade do Minho e, mais recentemente (desde 2013), da Universidade Católica de Lisboa, minha atuação consta da

---

<sup>7</sup> OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko. M.; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.) . **Pedagogia(s) da Infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. v. 1. 1ª. edição. 328p .

<sup>8</sup> KISHIMOTO, Tizuko M., OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (orgs). **Em Busca da Pedagogia da Infância**: pertencer e participar. Porto Alegre: Penso Editora. 2013.

realização de avaliações das práticas educativas e dos processos de formação desenvolvidos no Centro de Educação Infantil Olivais Sul, Lisboa/Portugal.

Em 2010, realizei estudo sobre as práticas em agrupamentos da creche e, em 2011, uma investigação sobre os grupos da pré-escola. Ambos os trabalhos investigativos constam em relatórios de pesquisa endereçados à Associação Criança e, particularmente, o estudo de 2010, resultou em importante publicação no *European Early Childhood Education Research Journal* (EECERJ), periódico da European Early Childhood Education Research Association (EECERA), em 2012.<sup>9</sup> Para o mês de novembro do corrente ano, prevê-se uma nova etapa da investigação no Centro de Educação Infantil Olivais Sul, Lisboa/Portugal.

Em decorrência da parceria entre as equipes do Brasil e de Portugal, ainda ao tempo do Programa de Cooperação Internacional CAPES/GRICES, em uma das missões de trabalho, estabeleceu-se contato com Pen Green Centre, Corby, Inglaterra, um centro de pesquisa, desenvolvimento e formação de profissionais e de lideranças de centros de educação da primeira infância, sob a direção da professora Dra. Margy Whalley. Nessa oportunidade, foram realizados estudos na unidade de educação infantil de Pen Green e, também, foi possível acompanhar encontros no âmbito do programa de formação de lideranças de centros de educação da infância da Inglaterra, cuja assessoria estava a cargo os professores João Formosinho e Júlia Oliveira-Formosinho.

A partir de então, houve um estreitamento de relações entre a equipe brasileira e a equipe de Pen Green, que resultou na vinda ao Brasil da professora Margy Whalley, em 2006, para participar em Simpósio “Formação de Lideranças Pedagógicas para a Educação Infantil no âmbito do evento acadêmico-científico “IV Congresso Paulista de Educação Infantil”, realizado de 06 a 09 de dezembro, em Águas de Lindóia/SP. Por essa ocasião, visitou o Centro de Educação Infantil em que desenvolvi a investigação-ação e, entusiasmada com o trabalho desenvolvido, formulou convite a mim e à diretora do CEI para participar de ciclo de conferências “Adult Learning Sharing Knowledge & Capacity Building: Developing Children’s Centres as Learning Communities, Learning from Indigenous People”, nos dias 27 e 28 de março de 2007.

Foi uma experiência da maior relevância, porque o ciclo de conferências envolveu três países distintos: Canadá, Austrália e Brasil, trazendo ao plano de discussão o desenvolvimento

---

<sup>9</sup> PINAZZA, Mônica Appezzato. The Right of Young Children to Well-being: a case study of creche in Portugal. In: *European Early Childhood Education Research Journal*. Taylor & Francis. Vol.20. no.4. 2012. p. 577-590.

de centros destinados à infância como comunidades de aprendizagens, sob o prisma da diversidade. O público, pessoas ligadas ao curso de formação de lideranças pedagógicas para centros de educação da infância, desenvolvido por Pen Green. O Canadá foi representado pelo programa de formação e pesquisa desenvolvido pela Early Childhood Development Virtual University, junto a comunidades aborígenes canadenses. A Conferência intitulada “Promoting Capacity Early Childhood Development” foi proferida pelo Professor Alan Pence, no referido programa da Virtual University, professor e pesquisador da School of Child and Youth Care, University of Victoria, Victoria, British Columbia, Canada. A conferência da Austrália constou de duas intervenções: uma delas, realizada por Kathryn Priest pela University of South Australia e representante do Department of Families, Community Services and Indigenous Affairs of Australian Government e a outra comunicação oral realizada por Irene Nangala, formadora representante do programa de apoio às comunidades aborígenes da região de Waltja, dentro do programa Waltja Tjutangku Palyapayi. O título geral das conferências “Anangu way of leadership and the role of kanyini (holding) in early childhood.” A conferência brasileira também constou de duas apresentações: a minha, como representante da Faculdade de Educação de São Paulo, em especial, o grupo de pesquisa Contextos Integrados de Educação Infantil e a outra proferida pela diretora do CEI Américo de Souza, parceiro na investigação-ação, Jacqueline Ruiz T. P. Barbosa, representando a equipe do CEI. O título geral dado para as conferências foi “Pedagogical Leadership Formation in Partnership with Early Childhood Education Américo de Souza Centre”.

Outro desdobramento das ações no âmbito do Programa de Cooperação Internacional CAPES/GRICES, consistiu no diálogo estabelecido com o Centro Studi di Parmalnfanzia e a Università degli Studi di Parma, Itália. Em 2007, durante missão de trabalho, a profa. Tizuko M. Kishimoto travou os primeiros contatos com os trabalhos de Parma. Disso resultou a constituição de um programa internacional de estudos, que teve duas edições, uma em 2008 e outra em 2009, sob o título: “Visita e Seminari di Studio negli asili nido di Parma”. Na primeira edição, a professora Tizuko coordenou um grupo de estudantes de graduação e de pós-graduação em viagem de visitação e estudos para Parma. No ano seguinte, de 02 a 06 de fevereiro, coordenei um segundo grupo, composto de estudantes e de profissionais da área da educação infantil, representantes de unidades apoiadas pelo grupo de pesquisa “Contextos Integrados de Educação Infantil”.

O grande mérito desse processo foi ter permitido uma aproximação com as pesquisas e as práticas educativas, que, em Parma, primam pela ênfase nas relações interpessoais e na constituição de ambientes educativos enriquecidos para as crianças pequenas. Como parte dessa interlocução com Parma, aconteceram duas vindas de representantes de Parma. Em 23 de abril de 2008, a vinda da Comitativa de ParmaInfanzia a São Paulo, envolvendo visitação a unidades de educação infantil apoiadas e sessão de debate com a equipe de pesquisa na FEUSP. No período de 17 a 24 de outubro de 2009, estiveram em missão de trabalho os professores Marco Fibrosi e Nice Terzi, oportunidade em que ocorreram sessões de estudos com a equipe dos Contextos Integrados de Educação Infantil e o seminário aberto aos estudantes de graduação e pós-graduação: “Educação Infantil em Parma e Intercâmbio de Estudantes”.

Uma outra natureza de aproximação com centros de formação e pesquisa internacionais, que merece destaque pelos seus desdobramentos, foi possível mediante a realização do Seminário: “Infância e suas Linguagens”, realizado pela FEUSP, no período de 05 a 07 de maio de 2011. Atuei como proponente do projeto junto ao Programa PAEP/CAPES e coordenei o evento em companhia da colega da FEUSP, professora Márcia Gobbi. O seminário, que também contou com o apoio da CCInt da FEUSP e da FAFE, reuniu estudantes de graduação e pós-graduação e, sobretudo, profissionais ligados à educação infantil da rede pública de diferentes localidades do Estado de São Paulo. Entre os convidados nacionais e internacionais participaram como conferencistas: Juan Mata (Universidade de Granada/Espanha); Gianfranco Staccioli (Universidade de Florença, Itália); Elisabetta Nigris (Universidade Bicocca de Milão, Itália); Isabel Marques, pesquisadora brasileira; Edith Derdyk, artista plástica, ilustradora e pesquisadora e Ana Lucia Goulart de Faria (Universidade Estadual de Campinas/Campinas/SP). Como resultado desse trabalho, reuniram-se escritos em uma publicação que se encontra no prelo, pela Editora Cortez, sendo previsto o lançamento para o 1º semestre deste ano.<sup>10</sup>

Por fim, uma experiência instigante porque envolve a formação de profissionais da área de saúde no Projeto: “Fortalecimento das Habilidades Pedagógicas e Técnicas dos Professores nos Institutos de Formação em Saúde de Moçambique”, no âmbito do Programa de Cooperação

---

<sup>10</sup> PINAZZA, Mônica A.; GOBBI, Márcia A.. (Org.). **Infância e suas Linguagens**. 1ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013. (No prelo).

Internacional firmado entre a JICA (Japan International Cooperation Agency), o MISAU (Ministério da Saúde de Moçambique) e a FEUSP (Faculdade de Educação da USP). As ações realizadas dentro desse projeto constaram: de aulas no curso de extensão para formação de professores do MISAU, sobre o tema: “Didática e Formação de Equipes que Aprendem”., realizado em Maputo/Moçambique, de janeiro a fevereiro de 2013; elaboração de material didático de suporte ao curso e o desenvolvimento de tutoria de duas profissionais, técnicas ligadas ao MISAU, visando ao desenvolvimento de projetos de pesquisa com temáticas diretamente relacionadas às práticas dos institutos de formação de Moçambique: Clara Cacilda Mauaie, no 2º. semestre de 2012, e Suraia Mussá Nanlá, no 2º. semestre de 2013. Para 2014, está prevista uma nova ida a Moçambique com o propósito de acompanhar as realizações dentro do projeto de pesquisa: “Gestão Pedagógica”, em desenvolvimento pela técnica de MISAU, Suraia Mussá Nanlá.

### **Outras tantas formas de estar na profissão**

Como importantes derivações de minha trajetória acadêmica, como profissional, computam-se as ações de orientação de trabalhos nos níveis de graduação e de pós-graduação; as representações em Comissões, Conselhos e Fóruns no âmbito da universidade e, a partir dela, em outras instâncias colegiadas; as participações em eventos acadêmico-científicos, nas condições de organizadora, expositora e ouvinte; a coordenação da linha de pesquisa Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares; as atuações em bancas examinadoras de trabalhos de conclusão nos níveis de graduação e pós-graduação e em processos de concursos; as assessorias *ad hoc* a agências de fomentos FAPESP, FAPESB, CAPES e CNPq, envolvendo a análise de projetos e de relatórios de pesquisas e as atuações como parecerista, junto à Comissão de Pesquisa e ao Programa de Pós-graduação da FEUSP e a eventos acadêmico-científicos como COPEDI, ENDIPE, CIPA e GRUPECI.

No que tange, particularmente, à minha inserção em Comissões, Conselhos e Fóruns, desejo destacar minha passagem pela Comissão de Pós-graduação, primeiro como membro suplente (2005-2007) e, depois, como membro titular (2009-2013), o que me permitiu também estar como representante no Conselho Curador da FAFE (2009-2013) e na Comissão do Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE) (2009 -2012). Também de relevância, são minhas atuações em duas oportunidades distintas no Conselho do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada (2007-2009 e, atualmente, a partir de 2013) e,



como representante da Direção da FEUSP, junto ao Conselho Gestor da Escola de Aplicação da FEUSP.

Outro plano de participação merecedor de realce à minha carreira profissional foi a que tive na organização de quatro edições do Congresso Paulista de Educação Infantil (COPEDI), conjuntamente com as ações no Fórum Paulista de Educação Infantil (FPEI), de 1998 a 2006. No âmbito internacional, a indicação como “Country Coordinator” (coordenadora do Brasil), pelo Comitê da European Early Childhood Education Research Association (EECERA), desde 2009.

Como desafios presentes, devo sinalizar a indicação realizada pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo para atuar como membro suplente, representante do magistério, na Câmara de Educação Básica do Conselho Municipal de Educação de São Paulo. No âmbito da universidade, mais especificamente da FEUSP, a minha indicação para atuar como membro titular representante do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada junto ao Conselho de Escola da Escola de Aplicação da FEUSP.

Compreendo que ocupar esses espaços, como representante de uma categoria profissional, indicada por pessoas de destaque do próprio campo, é um fato revelador do reconhecimento e da legitimação do trabalho que realizo como docente e pesquisadora e, portanto, isso se reveste de um significado muito especial para mim, além de permitir que eu lance um olhar, sob diferentes ângulos, às questões que dizem respeito à minha profissão.

\*

\*      \*

Ao finalizar esta revisita aos fatos que a minha memória possibilitou desvelar como de relevância na minha vida pessoal e profissional me apercebo da energia que eu depus em tudo que eu pretendi desenvolver e isso me dá uma imensa satisfação. A intensidade com que vivi os meus diferentes tempos permite que eu tenha a dimensão do que já cumpri, assim como, me mobiliza a enfrentar os intermináveis desafios.

São Paulo, Abril de 2014.